

**PERCEPÇÕES DE ALUNOS SOBRE O *BULLYING* ESCOLAR:
emancipação e responsabilidade**

*Matheus Rodriguês da Silva*¹

*Vinicius Novais Gonçalves de Andrade*²

RESUMO: O *bullying* pode ser definido como uma violência sistemática entre pares, sendo que suas consequências estão relacionadas tanto a problemas de cunho individual quanto de cunho social. Esse tipo de violência atinge ao menos um a cada cinco alunos em idade escolar, e pode ter consequências maiores pelo fato de atingir mesmo aqueles que apenas observam. O objetivo deste trabalho é identificar quais são os motivos que levaria à prática do *bullying* segundo alunos do nono ano do ensino fundamental. A pesquisa consistiu num estudo de âmbito nacional e internacional feito em 14 escolas brasileiras e 4 outros países. Em Goiás, foco desse recorte da pesquisa maior, a investigação foi feita através de um programa de Iniciação Científica, no qual o autor aplicou questionários em 214 alunos do nono ano de escolas públicas, privadas e religiosas. Os resultados indicam que as principais características indicadas do agressor estão ligadas à força física, popularidade percebida e problemas de limites. Concluímos que a violência escolar continua sendo um problema do cotidiano, sobretudo, por ter consequências para todos aqueles que estão envolvidos, mesmo que na posição de observador. A educação escolar tem o papel de desbarbarizar e emancipar seus alunos. Se, entre outras coisas, emancipar significa conviver e positivar a diferença em uma sociedade democrática, então a presença da violência indica uma “falha” no processo formativo de cidadãos e valorização de certas características pessoais, o que construiriam relações interpessoais assimétricas de poder.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*. Educação. Violência Escolar.

1 INTRODUÇÃO

A violência social aponta para a dificuldade de se viver em um ambiente mais justo e democrático. Tem-se, por exemplo, conforme Marx (1984), a tendência à classificação dos grupos sociais e a valorização da diferença como desigualdade que leva à limitação do acesso aos bens de consumo e recursos materiais, assim como ao embate entre os diferentes grupos. Limitando-se, portanto, a possibilidade de satisfação pulsional.

¹ Discentes do décimo período do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

² Docente universitário, Coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN) e orientador da pesquisa.

Segundo Freud (1930/2011), a violência tem sua base na pulsão de morte presente em cada pessoa, que tem como finalidade o retorno ao estado inorgânico que a presença da vida perturbou. Freud (ibidem) aponta três aspectos que dificultam a possibilidade de se viver em sociedade: 1) a fragilidade do corpo; 2) a força incomensurável da natureza; e 3) as relações sociais. Quanto ao último, destaca a dificuldade de ser ter uma civilização que não seja marcada pelo mal-estar sobre o princípio da realidade.

Na escola a violência também está presente. Conforme destacam Crochick e Crochick (2017), deve-se criticar a pretensa percepção do afastamento da escola com o resto da sociedade, pois é falso, visto que essa instituição está determinada pela totalidade social. Assim, deve-se ter cuidado ao diferenciar o que seria “violência na escola” da “violência da escola”³.

A violência social teria como uma de suas possibilidades a violência na escola, o que indica que uma sociedade mais violenta levaria a uma maior presença da violência escolar, assim como uma sociedade mais justa e democrática levaria a sua redução. Os métodos, os recursos materiais, a segurança pública, a distribuição justa da renda e outras tantas dimensões sociais que influenciam na educação, portanto, mostram-se determinados pela sociedade, ainda que, conforme Adorno (1995), a escola tenha um papel importante na relativa autonomia da educação e no seu papel contra violência e na possibilidade da emancipação humana.

Conforme os dados da Unesco (2019), cerca de 250 milhões de 1.26 bilhão de crianças e adolescentes do mundo todo estavam envolvidas de alguma forma na violência escolar em 2011, o que foi reafirmado nacionalmente pelos dados do IBGE (2015), no *Plano Nacional de Saúde do Escolar*. Conforme os dados das duas pesquisas, ao menos 20% de todas as crianças em idade educacional estão de alguma forma envolvida na violência escolar, embora as porcentagens possam ser ligeiramente maiores, visto que boa parte dos alunos apenas observa ou se envolvem indiretamente na violência, porém sofrem consequências tanto quanto os outros. A violência, portanto, atinge ao menos um a cada cinco alunos (SILVA *et al.*, 2015).

³ O termo “violência na escola” se referiria a uma violência social que afetaria o ambiente escolar, tal como a presença de gangues nos arredores das escolas, a escassez de recursos materiais, tiroteios e outros. Quanto à “violência da escola”, a ênfase recairia sobre a violência produzida pela própria escola, tal como na briga entre as crianças, a competitividade presente nos jogos, os métodos de classificação e outros.

Embora a violência possa aparecer de diversas formas na escola, neste trabalho dar-se-á ênfase ao *bullying*. Em especial, o *bullying* escolar e suas formas de manifestações nas crianças e adolescentes⁴.

O *bullying* pode ser definido como uma forma de violência entre pares. Tem, assim, três principais características: a) é uma violência sistemática e que ocorre sobre uma vítima ao longo do tempo; b) é uma violência que ocorre sem motivos ou justificativas aparentes; c) é fruto de uma assimetria de poder entre a vítima e o agressor, podendo ocorrer em grupo ou sozinho e faz com que a vítima seja incapaz de reagir às agressões sofridas (NETO, 2005; ANTUNES; ZUIN, 2008; LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009; OLIVEIRA-MANEGOTTO; PASINI; LEVANDOWSKI, 2013; COELHO, 2016; CROCHIK, 2016, 2019). Destaca-se, ainda, a necessidade de entender o *bullying* nessas suas características para diferenciá-lo de outros tipos de violência. Uma violência isolada, por exemplo, não poderia ser nomeada como *bullying*, embora ainda seja uma violência. Necessita, assim, de uma conceituação mais crítica e específica desse tipo de violência para que possa ser prevenida.

O *bullying* ainda pode ser de três tipos: direto e físico (uso de agressão física, roubos e destruição de objetos); direto e verbal (insultar, xingar, usar apelidos); e indireto (fofocar e espalhar boatos). Quanto à participação, podem-se ter ainda diversos papéis, segundo Freire *et al.* (2006), tais como o de agressor (aquele que pratica a violência), a vítima (o que recebe a violência), a vítima-agressora (o que pratica e recebe a violência) e o observador (não participa diretamente, mas presencia a violência acontecer). Por fim, ainda segundo Neto (2005), ainda que esteja na posição de observador, este pode indiretamente auxiliar o agressor ou ajudar a vítima.

A partir do discutido e tendo como base a importância de entender os motivos que os alunos percebem como sendo os que levam à ocorrência do *bullying*, este trabalho tem como objetivo identificar as causas atribuídas aos agressores que motivariam a prática do *bullying* escolar, segundo a percepção de alunos do nono ano do ensino fundamental.

⁴ Deve-se destacar o fato de que a pesquisa geral maior da qual essa faz parte teve como objetivo pesquisar o preconceito, o *bullying* e a educação inclusiva. Assim, nesse trabalho, optou-se por às vezes usar violência escolar como sinônimo de *bullying*. O *bullying*, no entanto, é apenas uma das várias manifestações da violência no ambiente escolar. A opção foi feita unicamente por ser mais um recurso de escrita neste trabalho.

2 METODOLOGIA

Este trabalho faz parte de uma pesquisa, desenvolvida durante os anos de 2018 a 2021, denominada “*Violência escolar: discriminação, bullying e responsabilidade*”. A pesquisa consiste num estudo de âmbito nacional e internacional feito em 14 escolas brasileiras e 4 outros países. Em Goiás, a pesquisa foi realizada através de uma Iniciação Científica (PIBIC UNIFAN) do primeiro autor do trabalho, portanto, um recorte. Alguns resultados dessa pesquisa serão discutidos neste trabalho.

O projeto de pesquisa maior foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 28/03/2011, sob o Protocolo de Pesquisa n.066/2011. A pesquisa foi também aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa (CAEE 90042718.2.0000.8011) no ano de 2018 do Centro-Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN).

No ano de 2018 foi realizado um evento sobre educação com mais de dois mil participantes em Goiânia. Lá, estavam presentes representantes da secretaria de educação, diversos pesquisadores, professores e diretores de colégios. Ao final do evento todos que mostraram interesse foram convidados a participar da pesquisa, formando, assim, a amostra da referida investigação.

A amostra final de Goiás contempla 214 alunos do nono ano do Ensino Fundamental de cinco escolas de Goiânia, sendo duas públicas, duas particulares e uma vinculada à igreja católica. Da amostra, 94 (44%) desses alunos são do sexo masculino e 120 (56%) do sexo feminino; a idade média dos participantes foi de 14,3 anos (DP= 1.5). Todos os alunos do nono ano do ensino fundamental das cinco escolas foram convidados a participar da pesquisa, porém, efetivamente participaram aqueles que tiveram interesse, que tiveram o TCLE assinado pelos responsáveis, assim como o Termo de Assentimento livre e esclarecido (TALE) do menor de idade, nos quais foi aplicado um questionário e, posteriormente, realizada a análise estatística.

3 DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS

Nessa seção serão analisados e discutidos os dados oriundos da aplicação do questionário 1 (em anexo) sobre os motivos que levariam à agressão entre pares, assim como as características das vítimas e agressores.

Conforme pode se apreender da Tabela 1, os dois maiores motivos indicados como responsáveis pela agressão são: a falta de ter o que fazer (49,0%) e não ter limites (48,1%), por parte dos agressores.

Tabela 1 – Frequência e porcentagem de indicações dos motivos que levam alguém a ser autor de agressão

Motivos	Frequência	Porcentagem
Carência	41	19.1
Não têm amigos	17	7.9
Não têm atenção	36	16.8
Apanham em casa	8	3.7
Se consideram diferentes dos outros	55	25.7
Os outros não se defendem	37	17.2
Revidar agressão que sofreram	28	13
São preconceituosos	49	22.9
Não têm limites	103	48.1
Não têm o que fazer	105	49

Portanto, apreende-se que as características se referem a aspectos individuais dos agressores. Quanto ao não ter limites, isso pode estar ligado à falta de percepção de si e ao aspecto narcísico da personalidade presente nos autores do *bullying*, conforme argumenta Crochick (2019). A dificuldade no reconhecimento do limite e do desejo poderia levar a pessoa a tornar como próprio o interesse alheio. A dificuldade dessa diferenciação mostraria o prazer sádico e aparentemente sem motivos que levaria ao uso da agressão, além de indicar a fragilidade do ego que levaria a pouca considerações dos valores morais e éticos de convivência. O outro não é reconhecido em sua humanidade e na sua diferença.

Quanto ao não ter o que fazer, os dados parecem indicar a falta de inserção dos agressores nas atividades gerais da escola. Isso pode indicar o baixo desempenho escolar ao não terem a oportunidade de se dedicarem nas tarefas e atividades propostas pelos professores.

Ainda, destaca-se a porcentagem dos motivos “não têm amigos” (7,9%) e “não têm atenção” (16,8%), pois não estão em consonância com outras pesquisas que afirmam que os autores das agressões costumam ser populares e se destacarem em atividades que exigem o uso do corpo, tais como os esportes na Educação física (ALCKMIN-CARVALJO; IZBICK; MELO, 2014; CROCHICK, 2012; 2013; 2016; 2018; 2019). Na concepção de Crochick e Crochick (2017), esse tipo de dado deve ser analisado de forma específica. O agressor costuma ter uma grande popularidade percebida, isto é, é reconhecido e se torna destaque no

colégio devido a seus aspectos físicos e suas atitudes. No entanto, a popularidade sociométrica, a qual é obtida através das respostas dos alunos ao indicarem quem eles gostariam de estar perto e ser amigo, costumam estar relacionado àqueles que não cometem e nem sofrem as agressões. Portanto, a popularidade do agressor é a percebida, não a sociométrica, o que indica que sua popularidade está ligada à percepção que os outros têm dele como consequência de suas ações.

Por fim, também se destaca a baixa indicação de “apanham em casa” (3,7%) como sendo um dos motivos que levariam ao *bullying* escolar. Essa resposta dos alunos difere das obtidas em outras pesquisas feitas com professores, os quais indicam, por exemplo, a falta de autoridade dos pais e a possível negligência na escolarização do filho como motivos do *bullying* escolar (CEAT, 2016).

Deste modo, parece haver uma discrepância entre a percepção da violência pelos alunos e pelos professores e responsáveis (SILVA; ROSA, 2013; SILVA *et al.*, 2013; 2015). Enquanto os professores percebem que a violência é um fenômeno que não deve ser trabalhado na própria escola e indicam outros motivos para sua presença, tais como os pais, locais de perigo e gangues, os alunos parecem indicar motivos mais individuais e relacionais para a presença da violência. O *bullying* e a violência escolar comumente são discutidos na escola apenas quando atrapalham a aula ou impossibilita a condução de alguma atividade proposta pelos professores, tal como destacado na pesquisa de Alckimin-Carvalho, Izbicki e Melo (2014). Ao agirem dessa forma, indicam seu posicionamento de não inserção no processo de desbarização e da constituição da autonomia como motivos essenciais na educação, conforme destacado por Kant (1999, 2013) e reafirmado por Adorno (1995), ao falar do papel da educação.

A dificuldade de limites daqueles que não consegue reter o ódio para si e que, então, o projeta no outro, a falta de inserção dos alunos nas atividades da escola e a falta de respeito com a individualidade alheia são indicados como os principais motivos das agressões.

4 CONCLUSÕES

O objetivo desta pesquisa foi identificar as características atribuídas aos agressores envolvidos na prática de *bullying*, segundo a percepção de alunos do nono ano do ensino fundamental. Concluímos que a violência escolar continua sendo um problema do cotidiano, sobretudo, por ter consequências para todos aqueles que estão envolvidos, mesmo que na

posição de observador. A educação escolar tem o papel de desbarbarizar e emancipar seus alunos. Se, entre outras coisas, emancipar significa conviver e positivar a diferença em uma sociedade democrática, então a presença da violência indica uma “falha” no processo formativo de cidadãos e valorização de certas características pessoais, o que construiriam relações interpessoais assimétricas de poder.

Cabe à educação, portanto, o trabalho da violência como algo importante a ser prevenido nas relações escolares. Deve se ter em conta que a violência social é determinante no âmbito escolar, mas que a própria escola também pode contribuir com essa mesma violência ao se pautar numa educação crítica.

REFERÊNCIA

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALCKMIN-CARVALHO, F.; IZBICKI, S.; MELO, M. H. da S. Problemas de comportamento segundo vítimas de *bullying* e seus professores. **Estud. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 834-853, dez. 2014.

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 1, 2008, p. 33-41.

CENTRO DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL E ADMINISTRAÇÃO EM TERCEIRO SETOR (CEAT). Fundação Instituto de Administração. **Bullying escolar no Brasil - Relatório Final**. São Paulo: CEATS/FIA, 2010.

COELHO, M. T. B. F. *Bullying* escolar: revisão sistemática da literatura do período de 2009 a 2014. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 33, n. 102, p. 319-330, 2016.

CROCHIK, J. J. Fatores psicológicos e sociais associados ao *bullying*. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 211-229, 2012.

CROCHICK, J. L. Preconceito e *bullying*: marcas da regressão psíquica socialmente induzida. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 30, e190006, 2019.

CROCHIK, J. L. Formas de violência escolar: preconceito e *bullying*. **Movimento-revista de educação**, n. 3, 29 jan. 2016.

CROCHIK, J. L. *et al.* Hierarquias escolares: desempenho e popularidade. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, p. e167836, 2018.

CROCHÍK, J. L. *et al.* **Inclusão e discriminação na educação escolar**. Campinas: Alínea Editora, 2013.

CROCHÍK, J. L.; CROCHÍK, N. **Bullying, preconceito e desempenho escolar**: uma nova perspectiva. São Paulo: Benjamin Editorial, 2017.

FREIRE, I. P.; SIMÃO, A. M. V.; FERREIRA, A. S. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população escolar portuguesa. **Rev. Port. de Educação**, Braga, v. 19, n. 2, p. 157-183, 2006.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

IBGE. Ministério da Saúde. **Pesquisa nacional de saúde do escolar**: 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 132 p.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta**: Que é “Esclarecimento”? *In*: KANT, Immanuel. **Immanuel Kant**: textos seletos. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 63-71.

KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

LISBOA, C.; BRAGA, L. de L.; EBERT, G. O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. **Contextos Clínic.**, São Leopoldo, v. 2, n. 1, p. 59-71, jun. 2009.

LOPES NETO, A. A. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatr.**, (Rio J.), Porto Alegre, v. 81, n. 5, supl. p.164-172, nov. 2005.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Difel, 1984.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M. de; MACHADO, I. *Bullying* escolar na perspectiva dos professores. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 321-340, abr. 2018.

SILVA, E. N.; ROSA, E. C. S. Professores sabem o que é *bullying*? Um tema para a formação docente. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP, v. 17, n. 2, p. 329-338, Jul./Dez. 2013.

SILVA, J. L da *et al.* Estudo exploratório sobre as concepções e estratégias de intervenção de professores em face do *bullying* escolar. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 189-199, dez. 2015.

UNESCO. **Violência escolar e bullying**: relatório sobre a situação mundial. Brasília: UNESCO, 2019. 54 p.